

**Memória, mitos e crenças:  
a práxis cotidiana na série *Brown Angel Mysteries*,  
de Lucha Corpi**

Profa.Dra.Carla Portilho<sup>i</sup>

**Resumo:**

*As práticas cotidianas – em especial os mitos e crenças herdados da tradição mexicana – marcam presença na série policial *Brown Angel Mysteries*, da escritora chicana Lucha Corpi, objeto de estudo deste trabalho. Tomando como base para argumentação a teoria de Michel de Certeau sobre a práxis cotidiana, desenvolvida em *A invenção do cotidiano*, busca-se discutir de que modo os usos e fazeres do dia-a-dia representam um meio de opôr resistência às práticas sócio-culturais dominantes, além do seu papel político como uma tática por meio da qual as comunidades marginalizadas representadas buscam se (re)apropriar de um espaço cultural, político e sócio-econômico, adquirindo novos significados no espaço de confronto entre o centro de poder e a periferia. Por meio da caracterização da protagonista da série, Gloria Damasco, Lucha Corpi abre o gênero policial à diversidade cultural, oferecendo uma percepção não-eurocêntrica da realidade, que aceita como real o conhecimento que vem de fontes intangíveis como os sonhos, as visões, a intuição e a percepção extra-sensorial. Essas experiências não-rationais se entrelaçam à presença de um mito fundamental para a cultura e memória chicanas – *La Malinche* – para apresentar um enredo policial que subverte a lógica cartesiana da ficção detetivesca tradicional.*

**Palavras-chave:** *ficção policial, práxis cotidiana, literatura chicana, literatura afro-americana*

**Introdução**

Em *A invenção do cotidiano*, Michel de Certeau se dedica a estudar as práticas cotidianas do homem comum, com o propósito de analisar os usos e fazeres do dia-a-dia como meio de opôr resistência às práticas sócio-culturais dominantes.

Partindo-se desse pressuposto, a presença das práticas cotidianas em romances produzidos fora do centro hegemônico adquire um novo valor – elas têm um propósito político, constituem uma tática por meio da qual as comunidades marginalizadas representadas buscam se (re)apropriar de um espaço cultural, político e sócio-econômico, adquirindo novos significados no espaço de

confronto entre o centro de poder e a periferia.

### ***Brown Angel Mysteries***

A presença das práticas cotidianas é uma característica marcante da obra de Lucha Corpi, criadora da primeira detetive feminina da literatura chicana, Gloria Damasco, protagonista da série *Brown Angel Mysteries*.

Gloria é uma personagem *sui generis*. No início da série, ela é uma jovem mãe de família chicana que está em Los Angeles participando da *Moratorium March*, e que, ao fugir do confronto com a polícia e da confusão generalizada que se instala na cidade, encontra o corpo de um menino assassinado. Emocionalmente envolvida no caso, ela se vê compelida a investigar não apenas o crime em si e seu autor, mas as causas que teriam levado a essa atrocidade. No entanto, dezoito anos se passarão antes que Gloria tenha a chance de elucidar o mistério – e, para tanto, ela contará com a ajuda de sua percepção extra-sensorial, definida por Donna Bickford como um modo de saber alternativo à visão de mundo ocidental. Os romances de Corpi seguem a premissa de que os saberes que adquirimos e produzimos são filtrados pelas nossas posições sociais, histórias e narrativas nacionais. Na construção de sua protagonista, ela estabelece a percepção extra-sensorial como um caminho para o conhecimento equivalente à abordagem científica tradicional (BICKFORD, 2005:100). Desse modo, as experiências psíquicas, premonições e visões de Gloria se apresentam como uma característica que desconstrói a imagem do detetive hegemônico, pois ela não utiliza apenas o intelecto para resolver os mistérios. As visões vão contra o caráter positivista do romance policial tradicional, uma vez que não podem ser explicadas pela razão nem por uma relação de causa e efeito.

A princípio, Gloria não se sente à vontade com o seu dom, e demonstra uma certa ambivalência quanto a esse meio não-convencional de chegar ao conhecimento. Assim, ela busca explicações racionais que possam sustentar o conhecimento que adquire por meio das visões. Logo, entretanto, começa a se dar conta das limitações impostas por essas ‘explicações racionais’, como, por exemplo, quando conta à sua amiga Luisa que não culpa seu marido Darío por não compreender ou dar valor às suas visões. Ao longo da conversa, Gloria afirma que a incapacidade de Darío de compreender o que se passa vem do próprio sistema de crenças vigente: “a implicação clara é que o conhecimento científico, como um meio de saber, tem suas próprias falhas e pontos cegos.” (BICKFORD, 2005:100)

O conhecimento psíquico, contudo, não é, para Gloria, um atributo simples ou pacífico, mas uma característica com que ela aprende a conviver e na qual vem, por fim, a confiar, ainda que de forma extremamente cuidadosa. Esse cuidado, entretanto, não diminui a importância do seu poder – Gloria encontra um ponto de equilíbrio entre a razão e a intuição em seu método investigativo, de forma que, quando Luisa a questiona

“Quem vence? ... A intuição ou a razão?” (CORPI, 2002:48), é Bickford quem responde que, obviamente, nenhum dos dois modos de conhecimento vence, pois não são mutuamente excludentes, e nenhum dos dois precisa ser privilegiado. Complementando essa linha de raciocínio, Judy Maloof lembra que Gloria passa por um processo de aceitação gradual do seu dom, mas por fim o percebe como um meio único de resolver mistérios, que a distingue dos detetives tradicionais, conhecidos por seus talentos no emprego de métodos dedutivos e pensamento racional. As ferramentas de Gloria são seus sonhos e visões ‘irracionais’, que representam, no texto, realidades alternativas e subjetivas (MALOOF, 2006).

Gloria atribui seus poderes extrasensoriais – a percepção aguçada, a intuição, e o • edom oculto• f das visões e sonhos premonitórios – à sua herança mexicana. Assim, Maloof ressalta que por meio da caracterização dessa personagem, Lucha Corpi abre o gênero policial à diversidade cultural, oferecendo uma percepção não-eurocêntrica da realidade, que inclui e aceita como real o conhecimento que vem de fontes misteriosas e intangíveis como os sonhos, as visões, a intuição e a percepção extra-sensorial (MALOOF, 2006). Especialmente em *Black widow’s wardrobe*, o terceiro romance da série, essas experiências não-rationais se entrelaçam à presença de um mito fundamental da cultura chicana – La Malinche – para apresentar um enredo policial que subverte a lógica cartesiana da ficção detetivesca tradicional. Na trama do romance, a missão de Gloria é proteger a vida da personagem Licia Lecuona, que acredita ser a reencarnação de La Malinche, a amante e intérprete indígena de Hernán Cortés.

Bem pouco se conhece da verdadeira história de La Malinche, e nem mesmo seu verdadeiro nome se sabe ao certo. Malintzin Tenepal, La Malinche ou Doña Marina, a nobre asteca que supostamente traiu o seu povo ao tornar-se intérprete, amante e sobretudo aliada do conquistador espanhol Hernán Cortés na empreitada de tomar a capital asteca Tenochtitlán, é ainda hoje uma personagem controversa.

Nascida em família nobre, Malintzin recebeu educação condizente com a sua posição social. Quando seu pai morreu, no entanto, sua mãe casou-se novamente e teve um filho. Decidida a torná-lo seu único herdeiro e a evitar disputas por herança e poder, ela forjou a morte da filha e vendeu-a como escrava aos maias *Xicalango* que, por sua vez, a ofereceram à tribo *Tlaxalteca*. Por conta dos sucessivos deslocamentos territoriais a que foi submetida em sua nova condição, ela, ainda muito jovem, teve contato com novas tribos e culturas, desenvolvendo assim sua capacidade lingüística para o aprendizado de novos idiomas (FITCH, s/d). Quando Malintzin contava 14 anos, os conquistadores espanhóis obtiveram sua primeira vitória significativa em terras mexicanas. Ela foi-lhes então oferecida como presente, integrando um grupo de vinte moças, todas batizadas com nomes cristãos e distribuídas entre os oficiais da confiança de Hernán Cortés. Malintzin tornou-se Doña Marina e foi destinada a um dos

oficiais. Seus talentos lingüísticos foram logo percebidos e utilizados pelos conquistadores e Cortés tomou-a então para si como amante, além de tradutora e intérprete. Ela tornou-se conhecida entre os soldados espanhóis como “*la lengua*”, a tradutora, que se postava ao lado de Cortés não apenas traduzindo o que era dito, mas também inserindo conselhos a ambas as partes, convencendo muitas tribos a se entregarem sem luta, buscando acordos diplomáticos e alianças sempre que possível (FITCH, s/d).

Além de sua importância crucial como intérprete e mediadora para a vitória espanhola, La Malinche cumpriu um outro papel que também marcaria profundamente a história do povo mexicano – o de amante de Cortés. Os conquistadores espanhóis vieram para a América sem a companhia de suas esposas, pois não era comum entre as mulheres da época empreender tal tipo de viagem aventureira, e esse fato muito contribuiu para a miscigenação em terras mexicanas. Ao tornar-se mãe de um filho, Martín, cuja paternidade foi reconhecida pelo conquistador, La Malinche tornou-se simbolicamente a mãe do povo mexicano *mestizo*, a fundadora de uma nova raça, de uma nova nacionalidade, não mais espanhola ou asteca, mas mexicana. Ainda hoje, La Malinche é uma personagem histórica vista de forma paradoxal. Sua importância simbólica transcendeu sua existência histórica e ela tornou-se uma figura mítica para mexicanos e chicanos, os quais, no entanto, não compartilham um mesmo ponto de vista. Os mexicanos, partidários da visão tradicional (que ganhou força durante o movimento de independência do México, no século XIX), a consideram realmente uma traidora, aquela que entregou seu povo aos conquistadores, “uma metáfora cultural para tudo o que há de errado com o México” (KRAUSS, 1997). O próprio adjetivo *malinchista* guarda conotação pejorativa – é usado para designar aquele que trai o seu povo, e hoje se refere principalmente aos mexicanos que têm uma estreita ligação com o estilo de vida anglo-americano.

Tey Diana Rebolledo lembra que mitos e histórias heróicas são instrumentos comumente usados pelas culturas para criar modelos a serem seguidos, diferenciar comportamentos corretos dos incorretos, transmitir valores morais e identificar características consideradas desejáveis por um determinado grupo (REBOLLEDO, 1995:49). Durante o Movimento Chicano, muitas mulheres foram rotuladas *malinches* ou *vendidas* apenas por tomar parte ativa no Movimento, demonstrando que buscavam transformar seus papéis culturais, o que gerava um conflito com a obrigação social de desempenhar um papel feminino tradicional. Seus maridos e os homens chicanos em geral pressupunham que elas deveriam ficar em casa cuidando dos filhos, cabendo a eles participar de marchas e protestos. Na visão masculina, o povo chicano sofria opressão por igual; na visão feminina, entretanto, a mulher era oprimida não apenas pela sociedade anglo-americana, por ser chicana, mas também por seu povo, por ser mulher.

Tal situação contribuiu para que várias escritoras chicanas – sobretudo a partir dos anos 80 – ficassem fascinadas pelo mito da mulher que transgrediu sua cultura e procurassem reler o mito, vingando La Malinche. Quando os mitos existentes não correspondem aos valores que se deseja transmitir, torna-se necessário então escolher um entre dois possíveis caminhos: criar um novo mito que atenda à demanda ou imbuir os modelos existentes de traços e características às vezes radicalmente diferentes dos originais (REBOLLEDO, 1995:49). Seguindo esse raciocínio, as escritoras chicanas começaram a revisitar mitos já existentes em busca de arquétipos que correspondessem à demanda por figuras femininas positivas, ativas e enérgicas. Assim, a leitura feita pelas mulheres chicanas do mito de La Malinche vai além dos aspectos mais superficiais da história e subverte a idéia de conotação machista perpetuada pela tradicional interpretação mexicana. De acordo com Rebollo, La Malinche torna-se uma personagem a ser não apenas redimida, mas também transformada (REBOLLEDO, 1995:64).

É a essa figura histórica tão controversa que a investigação de Gloria a encaminha. Seus primeiros passos a levam a uma ex-companheira de prisão de Licia, que ganha a vida como vidente. Gloria a consulta, sob disfarce, na companhia de Nina, amiga de sua mãe, e ouve que a chave para desvendar o mistério que cerca a tentativa de assassinato que Licia sofreu está na própria morte da Malinche. Nina se oferece para ir às bibliotecas com Pita, a mãe de Gloria, fazer um levantamento de toda e qualquer informação disponível acerca da história de La Malinche.

Ao transformar La Malinche em parte essencial do mistério, Lucha Corpi pode resgatar essa figura histórica do México por meio das descobertas das personagens e dos comentários e conversas que se seguem. Como foi dito anteriormente, a cultura tradicional mexicana considera a Malinche traidora da sua raça, aquela que abriu caminho para que os espanhóis dizimassem o povo asteca. Hoje em dia, vários estudiosos chicanos têm procurado redimir a sua figura, ao mostrá-la como uma outra vítima da Conquista. É interessante notar que são justamente Pita e Nina que pesquisam o mito – por serem mais velhas, elas estariam supostamente mais próximas da visão tradicional da Malinche. As incursões das duas pelas bibliotecas, entretanto, abrem para elas uma nova percepção histórica – elas efetuam um reaprendizado da História por meio de fontes de pesquisa e informação chicanas. Aparentemente, as novas pesquisadoras compartilham da visão da crítica chicana Norma Alarcón ao admitir que, ainda que ela tenha agido por sua própria vontade, essa seria apenas a opção reservada aos que são escravizados: escolher, entre dois males, o menor. Dá-se uma ruptura com a tradição, com base na reapropriação do mito da Malinche a partir dos escritores mexicanos e da tradição oral chicana (ALARCÓN, 1994:118).

## **Conclusão**

Nota-se que é grande a probabilidade de que os gostos e valores dos leitores para os quais Lucha Corpi escreve contradigam ideologicamente os gostos e valores do grande público leitor dos Estados Unidos, alinhado com as crenças, valores e atitudes hegemônicas da cultura dominante do país, que é branca.

Na série considerada neste trabalho, a *práxis* cotidiana assume um papel fundamental como forma de resistência da cultura abordada frente ao poder dominante; as práticas tornam-se táticas por meio das quais essas comunidades marginalizadas buscam uma (re)apropriação de seus espaços na sociedade – em termos políticos, sócio-econômicos e culturais. As atividades do dia-a-dia constituem o próprio espaço dessa investigação, e conduzem a um maior acesso ao poder – valendo-se da posição marginal que ocupam, nossas detetives podem questionar uma sociedade a cujas regulações e normas apenas aparentemente se submetem.

## **Referências Bibliográficas**

- ALARCÓN, Norma. Tradutora, Traditora: A Paradigmatic Figure of Chicana Feminism. *In: Scattered Hegemonies: Postmodernity and Transnational Feminist Practices*, ed. Inderpal Grewal and Caren Kaplan. Minneapolis & London: U of Minnesota P, 1994. p.109-133.
- BICKFORD, Donna M. A Praxis of Parataxis: Epistemology and Dissonance in Lucha Corpi's Detective Fiction. *Meridians: feminism, race, transnationalism*. Vol. 5, no. 2, 2005. p.89-103.
- CORPI, Lucha. *Eulogy for a brown angel*. Houston: Arte Público Press, 2002. 1ª edição 1992.
- FITCH, Nancy. Malinche – Indian Princess or Slavish Whore? An Overview. Disponível em: <<http://faculty.fullerton.edu/nfitch/nehaha/malinche.html>> Acesso em: 20/04/2002.
- KRAUSS, Clifford. A Historic Figure is Still Hated by Many in Mexico. The New York Times. Mar.26, 1997. Disponível em: <<http://www.emayzine.com/lectures/la.htm>> Acesso em: 20/04/2002
- MALOOF, Judy. The Chicana Detective as Clairvoyant in Lucha Corpi's *Eulogy for a brown angel* (1992), *Cactus blood* (1996), and *Black widow's wardrobe* (1999). *Ciberletras: Revista de crítica literaria y de cultura*, n.15 (2006). Disponível online em <<http://www.lehman.edu/ciberletras/v15/maloof.html>> Acesso em 28/12/2008.
- REBOLLEDO, Tey Diana. From Coatlicue to La Llorona: Literary Myths and Archtypes. *In: Women Singing in the Snow: A Cultural Analysis of Chicana Literature*. Tucson & London: The U of Arizona P, 1995. p.49-81.

---

i **Autora**

**Carla Portilho, Profa. Dra.**  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

**XII Congresso Internacional da ABRALIC**  
*Centro, Centros – Ética, Estética*

**18 a 22 de julho de 2011**  
**UFPR – Curitiba, Brasil**

---

Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (GLE)  
carla\_portilho@id.uff.br